



O GLEE CLUB E SUAS NARRATIVAS: VISIBILIDADES E POSSIBILIDADES, NOVAS IDENTIDADES

Roberto Carlos Santana Lima

Instituto Federal Baiano - roberto.lima@ifbaiano.edu.br

RESUMO

Este artigo¹ apresenta um Estudo de Caso do grupo de coral da série *Glee* e como o seriado trabalha as manifestações culturais na sua primeira temporada. Procurou-se demonstrar, nesta pesquisa, como *Glee*: uma *transmedia storytelling*, pode impactar para a derrubada de alguns (pré)conceitos, ao abordar alguns marcadores sociais como os de cor, gênero, nacionalidades, deficiências, e outros, como a homossexualidade, a homoparentalidade e a masculinidade. A partir de uma perspectiva intercultural, a qual se baseia num modo de produção do social, em que os diferentes se encontram em um mesmo mundo e devem conviver em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. Buscou-se identificar de que maneira o seriado, dentro de um ambiente rígido e controlador como a escola, reporta-se às construções identitárias de jovens considerados *losers*, desajeitados e fora da estética de uma sociedade tida como politicamente correta. Para interpretar essas construções identitárias, discutiu-se a dinamicidade da cultura e a inter-relação dela com as identidades singular e plural; o papel da mídia como meio de questionamento de tabus, elencando autores, como, entre outros: Butler, Cunha, Furlani, Miskolci, para sustentar nossa argumentação e colocar em evidência conceitos que abordam as diferentes culturas e demonstram os limites e possibilidades do corpo. A escolha do objeto de estudo deste trabalho foi motivada pelas experiências docentes a partir da necessidade de se trabalhar com materiais audiovisuais diversos em sala de aula e em consequência da discussão diária sobre os mais diversos temas na Educação. Os procedimentos metodológicos empregados foram: a observação e a descrição de identidades desviantes, que se encontram presas às amarras de uma sociedade compulsória e preconceituosa. Concluiu-se que as prerrogativas que as personagens assumem para si, são de se descartarem das categorias de indivíduo e de identidade, indicando outros caminhos para a experiência subjetiva e revelação que desemboque num universo que proponha abandonar a posição de segurança e de conforto para ousar aquilo que os constitui de fato, a fim de criticar uma realidade e construir outra, fruto de novos tempos.

Palavras-chave: *transmedia*, identidades plurais, cultura, escola.

INTRODUÇÃO

É notável o quanto a dramaturgia audiovisual estadunidense vem repercutindo, em suas produções, a diversidade cultural do seu país, denotando pluralidade identitária. Essas manifestações culturais, percebidas por todo o mundo, estão cada vez mais presentes em filmes e em um número considerável de séries na televisão.

No entanto, as produções midiáticas até então, vinham dando muito pouco espaço para narrações alternativas, que dessa maior visibilidade a essas manifestações de pluralidade identitária. Foi quando, os produtores e diretores *Ryan Murphy*, *Brad Falchuck* e *Ian Brenner* (2009), para

¹ Este artigo foi elaborado a partir da Dissertação de Mestrado intitulada “*GLEE: UMA TRANSMEDIA STORYTELLING E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES PLURAIS*”, orientado pelo professor Djalma Thürler na UFBA.



contrapor essa realidade, de maneira tematicamente distinta da televisão tradicional, lançou, sutilmente, por trás dos enredos de uma série, narrativas que dão conta de se reportar, não só às diversidades, como também à construção de novas possibilidades identitárias.

Estamos falando de *Glee, uma transmedia storytelling*², do tipo musical *comedy-drama* norte-americano, produzido e distribuído pela *20th Century Fox Television*³. O ambiente de *Glee* é o de uma escola pública denominada *McKinley High School*⁴, localizada na cidade de Lima, Ohio, nos Estados Unidos, que, através do *Glee Club*⁵, uma atividade extracurricular, muito comum nas escolas, retrata a vida de jovens considerados como *losers*⁶, desajeitados e fora da estética de uma sociedade tida como politicamente correta.

Para se contraporem a essa realidade, os episódios encenam conflitos específicos de cada “desajuste” narrados pelas personagens que lidam com situações que envolvem problemas de relacionamento, sexualidade e questões sociais em geral como: gravidez, pais separados, deficiências, cor, gênero e até nacionalidades.

Tendo em vista o impacto que esse seriado pode causar na sociedade, se tomarmos como exemplo o papel dos protagonistas como um importante aliado para a derrubada de preconceitos, foi realizada uma análise dos 22 episódios da primeira temporada de *Glee* para compreender o desfecho dessa trama.

A escolha do objeto de estudo deste trabalho foi motivada por experiências docentes, a partir da necessidade de trabalhar com materiais audiovisuais diversos, em sala de aula, e em consequência da discussão diária sobre os mais diversos temas na Educação.

Diante dessa perspectiva os objetivos da pesquisa são: identificar de que maneira o seriado constrói as possibilidades identitárias, dentro de um ambiente rígido e controlador como a escola e interpretar essas possibilidades a partir dos fundamentos teóricos que abordam as diferentes culturas, que aqui chamamos de identidades plurais; investigar a construção histórica dos corpos como identidade de gênero e sexual e demonstrar como *Glee: uma transmedia storytelling* pode impactar para a derrubada de alguns (pré)conceitos.

METODOLOGIA

-
- 2 Narrativa transmidiática.
 - 3 Canal de televisão norte-americano.
 - 4 Escola de Ensino Médio McKinley.
 - 5 Clube de coral nos Estados Unidos.
 - 6 Perdedores, fracassados



Os procedimentos metodológicos empregados visaram descrever as características dos então considerados *losers*, do *Glee Club*, bem como melhor compreender e ampliar os pontos de vista sobre os aspectos que as envolvem, dentro de uma perspectiva teórica que referencie essa pluralidade.

Para tanto, adota-se um pressuposto que defenda um modelo de pesquisa qualitativa e reflita os fenômenos de nossa realidade. Para Oliveira,

a pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação, implica em estudo segundo a literatura pertinente ao tema [...] (2008, p. 41).

Por conseguinte, para organizar o trabalho, utilizou-se os procedimentos necessários para uma investigação que possibilitou efetuar uma descrição do grupo do *Glee Club*, como pontua Triviños: “estudos descritivos se denominam *estudos de caso*. Estes estudos têm por objetivo aprofundarem a descrição de determinada realidade” (1987, p. 110, grifo do autor). Da mesma forma, utilizou-se como estratégia de pesquisa o Estudo de Caso, em conformidade com a natureza das fontes investigadas.

Por se tratar de um material gravado, ou seja, audiovisual, o método para coleta de dados foi o da observação. De acordo com Lüdke e André,

para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador (1986, p. 25).

Seguindo essa linha de pensamento, o foco principal do objeto de análise são as narrativas dos principais membros do *Glee Club*. Nesse sentido, realizou-se as anotações necessárias dos extratos, em uma ficha sistemática, catalogando todos os detalhes e fatos ocorridos nos 22 episódios observados. Os trechos selecionados foram analisados e as falas que apresentaram os melhores resultados foram transcritas e codificadas conforme a temática da narrativa de cada personagem.

Diante dessa perspectiva os dados coletados foram cuidadosamente analisados, interpretados e, por conseguinte, descritos e teorizados à luz de autores que estudam as construções identitárias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essas narrativas serão descritas aqui, dentro de um cenário de confronto entre a identidade hegemônica e a “outra”, não a que apenas demonstre em sua dimensão o diferente, mas uma



narrativa de identidade que vai desembocar numa forma que se assente na fantasia, no desejo, no consciente de um universo que propõe abandonar “a posição de segurança e de conforto” e ousar aquilo que os constitui de fato (CUNHA, 2009).

Assim, ao lançar um olhar mais cuidadoso sobre questões que envolveram os conflitos desse embate, descobre-se que dentro da escola a sociedade é dividida em posições de hierarquização. A posição de uma que está no centro, na zona de conforto, munida de alunos contaminados de atitudes preconceituosas, que pregam a homofobia, a xenofobia, a lesbofobia, o racismo; que batem, empurram, cometem atos de atrocidade, *bullying*, etc., com base numa cultura hegemônica, predominantemente singular.

E, a outra, dos que estão na margem, de jovens que, embora presos às amarras dessa mesma sociedade que os deixa na posição de minoria, estão empoderados pelo desejo de mudar essa realidade e construir outra, a das identidades plurais.

Inicia-se as análises, com a narrativa de Finn⁷. A atuação dele é a do típico heteromachista que, enturmado com seus colegas, também comete suas atrocidades e pratica o *bullying* com todos aqueles que fazem parte da minoria. Na análise feita do personagem, descobre-se que ele bate, empurra, joga os *losers* na lixeira e dá banho de suco neles.

No entanto, o papel de Finn, neste momento, gira em torno de um jogador que, além de respeitado entre os colegas da escola, cumpre com a narrativa de uma pessoa inscrita dentro da categoria do gênero masculino. Com base no pensamento de Butler (2000), Finn está inserido num processo de construção social onde são veladas as práticas discursivas de poder. O que o corpo e a natureza dele narram é proveniente de uma atitude compulsória.

Para a autora, esse processo acontece através da posição social que ele assume, perpassando por um peso vinculado ao sexo e ao gênero, ou seja, é o reflexo das relações de poder e do discurso em que cada um está inserido ou a que é submetido. Para Butler, o que está em jogo na construção dos corpos é a dinâmica do poder e as normas regulatórias que governam sua materialização e sua significação.

Nesse sentido, a necessidade de Finn e seus colegas em se sobreporem à minoria, passa por uma significação de performatividade⁸ dos corpos, não como ato pelo qual o sujeito traz à existência aquilo que ele ou ela nomeia, mas o “poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que regula e constrange” (BUTLER, 2000, p. 155), todos aqueles que estão em posição

⁷ Ator que faz o papel de jogador de futebol e faz parte do Grupo de Coral.

⁸ Para Butler (2000), performatividade é a maneira como os corpos constituem o sexo e a sexualidade para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.



de abjetos⁹.

No entanto, essa performatividade dos corpos é algo difícil de sustentar. Isso pode ser apontado com base numa atividade musical do *Glee Club*. Nela, o professor Schuester¹⁰ pede aos alunos que desempenhem o papel de pessoas que estão na minoria, como o do cadeirante Artie¹¹, e outros como o do gênero feminino – isto incluía andar de cadeira de rodas, fazer e vender bolos para arrecadar dinheiro, que serviria de pagamento do transporte em ônibus especial para Artie, onde fariam um número em cadeiras de rodas.

Finn logo fica muito irritado e depois de algum tempo começa a discutir com seus colegas do grupo. Entre uma discussão e outra, Finn entra em luta corporal, trocando socos e pontapés com Puck¹². Ao apartar a briga, o professor Schuester pergunta: “O que está acontecendo?” E a revelação do que ambos estão passando não vem da fala de Finn, mas de Puck, quando ele diz: “Eu estou realmente estressado com esta de vender bolo, tá!”, Eles afirmam que gostam muito do colega Artie, mas ter que fazer, vender bolo e se passar por cadeirante não dá, isso fere sua masculinidade.

A masculinidade é um status precário, difícil de conquistar e fácil de perder. E, quando se sentem ameaçados em sua masculinidade, os homens veem a agressão como a melhor maneira de defendê-la, afirmam Jennifer Bosson e Joseph Vandello (2011), nas suas conclusões numa pesquisa intitulada: *Masculinity, a Delicate Flower*, publicada em um exemplar da revista científica *Current Directions in Psychological Science*¹³.

Para os pesquisadores, a identidade sexual, normalmente incluída nas questões de gênero, é algo determinado socialmente. “E os homens sabem disso. Eles se preocupam fortemente sobre o como se parecem aos olhos de outras pessoas” (BOSSON & VANDELLO, 2011). E, quanto mais preocupados com o assunto, mais vão sofrer psicologicamente quando sua masculinidade é violada.

Segundo os autores, a agressão é uma “tática de restauração da masculinidade”. Quando os homens usam essa tática da agressão, ou a levam em consideração, eles tendem a sentir que foram obrigados por forças externas para fazê-lo. Isso pode ter grandes implicações sobre efeitos negativos que a questão de gênero exerce sobre os homens, incluindo a depressão, ansiedade, baixa autoestima e a violência.

Assim, conclui-se que essa afirmação auxilia a compreensão da irritação que levou Finn e

⁹ Para Butler (2000), são os corpos cujas vidas não são considerados de materialidade importante.

¹⁰ Ator que faz o papel de diretor e professor do Clube de cantorias.

¹¹ Ator que faz o papel de cadeirante.

¹² Ator que faz o papel de um jogador arrogante do tipo heteromachista do time de futebol que também é membro do *Glee Club*.

¹³ Disponível em: < <http://healthland.time.com/2011/05/05/masculinity-a-delicate-flower/#ixzz1uKeyV2If> > Acesso em: 15 out 2017. (Tradução nossa)



seu colega Puck aos extremos. Tal como, em outro papel em que o professor Schuester, para despertar a criatividade dos alunos na apresentação das músicas, faz um sorteio dos pares de cantores, e Finn foi sorteado para encenar com Kurt¹⁴. Ele fica extremamente irritado e fala: “Estou cansado de ser empurrado a ser quem eu não sou.” Finn não gostou nem um pouco da ideia do sorteio, uma vez que o que ele queria era contracenar com sua namorada e foi impedido, por ser considerada pelo seu professor uma tarefa muito fácil.

No entanto, na análise feita da série, desde o primeiro episódio, é possível ver que Finn, o jogador durão, não faz isso por livre e espontânea vontade; de acordo com a análise da imagem em movimento, proposta por Diana Rose (2010), em livro organizado por Bauer e Gaskell, sobre materiais audiovisuais, é percebido em seu semblante que, cena a cena, isso não faz parte de sua verdadeira identidade, Finn faz isso para seguir a regra que atende aos padrões normativos de uma determinada sociedade.

No enredo desse seriado, segue-se um ritual em que os tidos como “politicamente corretos” jogam suco nos rostos daqueles que são considerados *losers*, e agora – por faltar aos treinos – chegou a vez de Finn levar suco na cara como todos os outros que estão do outro lado, na margem.

No desenrolar da trama, seus colegas vão colocando pressão para ele comparecer aos treinos de futebol e parar de ir aos ensaios do Coral. Nota-se, aí, que as escolhas não só estão sendo feitas para Finn, como também para seus colegas do time, é necessário pagar um preço por quebrar as regras, conforme uma das falas: “Você quebrou as regras, e por isso, deve ser punido.”; e Finn é punido pelos seus colegas.

Sua própria namorada Quinn¹⁵, numa tentativa desesperada, lhe oferece seu corpo para ser tocado, a fim de retirá-lo do grupo que até então é malvisto pelos machões da escola. Ela diz para ele que “As pessoas acham que você agora é gay”. Com isso, ela afirma o que as pessoas creem sobre Finn e sua masculinidade, é que ele ainda está no “armário” e sua verdadeira orientação sexual é camuflada, o que começa a afetar a vida pessoal de Finn.

A partir das narrativas dos personagens, *Glee*, como produto transmidiático, expande os seus conceitos, da cultura digital convergindo-se em rede, dos mais diferentes meios sociais, que vão além de imagens e sons.

Percebe-se que a utilização de diversos suportes midiáticos, como as redes sociais, para citar uma modalidade, além de fugir do padrão de se contar uma determinada história, através de um único meio que seria a TV, possibilita despertar o interesse do público e ampliar sua experiência

¹⁴ Ator que faz o papel de *gay*.

¹⁵ Líder de torcida e presidenta do clube de celibato que mais tarde acaba entrando para o grupo de coral.



com essas narrativas.

Os valores apresentados no seriado *Glee* se interligam na linguagem videográfica e cedem lugar a manifestações culturais, misturando-se ao trabalho artístico dos atores e atrizes para criticar uma realidade e construir outra, fruto dos novos tempos, da contemporaneidade.

Dessa forma, o acelerado processo de virtualização das diversas redes sociais, como *Twitter*, *Facebook*, *Youtube*, *Orkut*, *MySpace*, etc., contribui para despertar uma empatia e sensibilizar seu público em relação a essas manifestações culturais.

A discussão sobre as identidades plurais e a necessidade de se garantir o reconhecimento destas nos diversos espaços sociais, vem tencionando novos olhares na atual concepção que se tem sobre a construção identitária. Isso aponta para um novo rumo e propõe uma percepção cultural que reconheça a diversidade e desconstrua preconceitos ligados aos padrões culturais.

Nesse campo de reflexão, vários autores vêm questionando práticas e discursos homogeneizadores e etnocêntricos que silenciam a pluralidade cultural e negam voz às identidades que fogem ao padrão heteronormativo, branco e ocidental.

Cunha (2009) aponta a constituição da identidade como uma experiência subjetiva que se vive dia após dia. Para esse autor, a partir disso, acostuma-se a uma narrativa de construção de identidade que pode até ser instituída através da ideia de sujeito que porta um documento.

Entretanto, diante de dessas preferências subjetivas, ocultamentos e revelações, uma identidade, ou melhor, as várias identidades, se desencaixam de pontos específicos de pertencimentos estabelecidos entre o “eu” e o “outro”, e expressam, através da linguagem e do pensamento de cada indivíduo, o simples desejo de impor a existência e a necessidade desses sujeitos de serem livres num encontro entre política, fantasia e liberdade, encontro em que se reconhece ou que se pode chamar de verdadeira identidade.

No entanto, para que os indivíduos tenham liberdade, é preciso que eles ou elas possam expressar aquilo que sentem e pensam, deixem transparecer o que está realmente ligado à identidade.

Butler (2000) aponta que o corpo constitui um processo de construção social, do qual a natureza destes, são construídos a partir de práticas discursivas de poder. Para a autora, este processo se dá pelo que ela chama de materialização dos corpos, e acontece através da posição social que estes assumem, perpassando por um peso vinculado ao sexo e ao gênero, como reflexo das relações de poder e do discurso em que cada um está inserido ou a que é submetido.



A autora ainda reitera que o que está em jogo na construção dos corpos é a dinâmica do poder e as normas regulatórias que governam sua materialização e sua significação. Nesse sentido, o entendimento passa por uma significação de performatividade dos corpos, não como ato pelo qual o sujeito traz à existência aquilo que ele ou ela nomeia, mas o “poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que regula e constrange” (BUTLER, 2000, p. 155).

Ainda, Louro (2000, p. 7) aponta que as muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente. Elas são, também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas.

Assim, a construção histórica faz parte da vida das pessoas e está ligada ao desenvolvimento intrínseco dos indivíduos, que também são constituídos por fatores culturais e, de alguma forma, os relacionamentos, o equilíbrio emocional e a manifestação de sentimentos desses indivíduos, como pode ser percebido na personagem Mercedes, uma garota negra e gorda que narra uma dinâmica diva em construção, que não tem muito para contar, mas o desejo de tornar-se uma líder de torcida, fez com que ela questionasse os padrões de beleza e se rebelasse contra esse modelo estético de identidade, conforme exposto em sua fala:

“Então, como a maioria de vocês sabem, ser uma líder de torcida é ser perfeita e vencedora, ser sexy e popular. Bem, eu acho que deveria ser diferente. Quantos de vocês, nesta escola, se acham gordos? Quantos acham que, talvez, não tenham valor? Ou que são feios, ou têm muitas espinhas, ou não têm muitos amigos?”

Isso é o que ocorre em *Glee*: liberdade de expressão por parte dos protagonistas em relação ao envolvimento do grupo em apoiar esse construto. Porém, em relação aos protagonistas de *Glee*, quando se trata dos outros colegas da escola, tido como os “populares”, há uma constante discriminação contra o grupo no intuito de vigiar e até mesmo punir¹⁶, muitas vezes, expressos através de ofensas verbais e agressões físicas, como, por exemplo: o *bullying*.

Para Miskolci,

reconhecer a multiplicidade das formas como as pessoas vivenciam o amor, o afeto, o desejo e o prazer é o primeiro passo para compreender como o senso comum tão arraigado em nossa sociedade tenta impor um padrão único que violenta, machuca e pune aquelas e aqueles cujos sentimentos não se conformam a esse padrão (2010, p. 76).

Nesse sentido, esse padrão pode ser observado no seriado, claramente como os marcadores de sexo, gênero, sexualidade e cor, que incluem desde os papéis que devem ser desempenhados por homens e mulheres, até a imposição de estereótipos que resultam quase sempre na valorização do sexo masculino, e, por conseguinte, no preconceito contra qualquer forma de pluralização dessa

¹⁶ Conforme Foucault (1999).



unidade cultural.

Na narrativa de Rachel¹⁷, desde o início, ela já convida para essa discussão. Conforme observa-se na nossa pesquisa, ela diz que foi criada desde pequena para virar uma estrela e afirma:

“Eu não sou homofóbica. Na verdade, eu tenho dois pais gays. Veja, eu nasci do amor. Meus dois pais escolheram o esperma que me deu a beleza e o meu QI. Depois misturaram e usaram uma barriga de aluguel. Ainda não sei quem é meu pai natural e acho isso maravilhoso”.

Percebe-se que, a partir da atitude de demonstrar orgulho em sua narrativa, ela apresenta a sua história que, além de dar visibilidade para a temática, no que se refere à constituição de uma família, abre um leque muito grande de variáveis para a discussão “a respeito do fato de uma criança ser socializada por dois pais, duas mães, um pai e uma mãe, apenas um pai, apenas uma mãe, nenhum pai e nenhuma mãe e tantos outros arranjos parentais (MELLO L., 2009, 173).

Muitas variáveis influenciam o processo de socialização de uma criança (classe social, nível de escolaridade e idade dos pais, local de moradia, religião, nacionalidade, entre outros), sendo a orientação sexual dos pais apenas uma a mais, e seguramente não a mais fundamental, sobretudo quando pensamos na importância central do tipo de vínculo que une o casal e na qualidade da relação que os pais estabelecem com os filhos.

A partir da narrativa de Rachel, percebe-se as condições como vivem essas pessoas. Além de sofrerem com o preconceito, ela é tachada diante de qualquer coisa que aconteça por um motivo qualquer, que implica sempre na mesma fala: “Ah, só podia ser filha de pais *gays!*”, também estão sujeitos a comentários, que vão influenciar nos métodos e artefatos, principalmente, dos escolares, nas linguagens envolvidas no processo de comunicação, nas atitudes pessoais diante do que é dito e do que não é dito na escola, como: meninas e meninos, mulheres e homens, negros, brancas, indígenas, gays, heterossexuais, negras, lésbicas, etc. (FURLANI, 2009).

Tais questionamentos são, como pontua Macedo (2010, p. 18), percebidos através dos movimentos sociais, que têm sido um dos principais pilares na erosão da cultura hegemônica. Os grupos desviantes, ao reivindicarem seus direitos, têm contribuído sobremaneira para diminuir o preconceito e para tornar a sociedade mais plural.

Assim, as interpretações sobre as construções, tais como: das identidades sexuais; das identidades de gêneros (masculina ou feminina); das identidades culturais (criança, mulher, negro, etc.), demonstram que, no âmbito da construção humana, vista como modo de produção material e

¹⁷ Filha de um casal inter-racial *gay*.



espiritual, ou como processo civilizatório, tudo se move, ao mesmo tempo em que se produz e reproduz, modifica, transforma e transfigura, “a natureza humana não é um dado estático, mas o produto de um modo de vida, de uma cultura” (CEVASCO, 2008, p. 15).

Diante disso, compreende-se que, assim como os indivíduos, a cultura ocupa todos os espaços disponíveis, desenvolve-se continuamente em níveis de complexidade, e, quanto mais complexos os níveis de sua organização, maior a sua relevância na vida desses indivíduos. Santaella (2007) afirma que a cultura é como um gás, de forma natural e viva, tem condições favoráveis ao desenvolvimento, é uma mistura da vida.

A cultura é, pois, como uma semente que se alastra, cresce, floresce continuamente. É como o fio condutor da humanidade entrelaçado no tempo e no espaço, nutrindo e desnutrindo os indivíduos e suas subjetividades com elementos que lhes dão consistência ou não, para assim constituir o que podemos chamar de identidades singulares ou plurais.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como ponto de partida uma perspectiva intercultural, a qual se baseia num modo de produção do social, em que os diferentes se encontram em um mesmo mundo e devem conviver em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos.

Com um olhar sob a luz de autores que subsidiaram na construção identitária, foram pontuadas as diferentes culturas, a dinamicidade e a inter-relação delas com as identidades singular e plural. Nesse sentido buscou-se conceituar a construção histórica dos corpos como identidade de gênero e sexual num embate entre o que se considera cultural e natural, elencando autores e elementos que pudessem desvelar um presente em que as redes sociais se tornaram palco de expressões, balizando um subjetivo que se encontra noutras formas de ser e estar no mundo.

A pesquisa revelou que dentro da escola a sociedade é dividida em duas posições: uma que está no centro, na zona de conforto e a outra, presa às amarras dessa mesma sociedade que a deixa às margens, mas, ousando aquilo que de fato os constitui de fato, a fim de criticar uma realidade e construir outra.

A análise da primeira temporada de *Glee* permite refletir sobre pontos importantes na constituição dos sujeitos. Trata-se de uma realidade em que os protagonistas raramente se deixam abater, saindo da posição de sujeitos marginalizados não para o centro ou a zona de conforto, mas para um estado de juízo de valores com direitos que os levam a escapar de visões estereotipadas



comumente associadas a esses programas, reforçando a identidade de jovens pertencentes a grupos minoritários, como por exemplo, os existentes nesta escola.

Portanto, nota-se que aqui não cabe a figura do *loser*, atribuída a eles, uma vez que nenhum desses jovens é perdedor – ainda que, em alguns momentos, acreditem nisso –, não desistem com facilidade e muito menos aceitam o lugar destinado compulsoriamente a eles.

A pesquisa alcançou os resultados esperados, logo que, reflete diante a importância de valorizar o processo de desconstrução de estereótipos, sustentando, porém, que ainda são necessários estudos aprofundados que deem conta da complexidade teórica que circunda esta temática.

REFERÊNCIAS

BOSSON, Jennifer K.; VANDELLO, Joseph A. **Masculinity, a Delicate Flower**. TIME, Florida, 5 maio 2011. Disponível em: < <http://healthland.time.com/2011/05/05/masculinity-a-delicate-flower/#ixzz1uKeyV2If> > Acesso em: 15 out 2017.

BUTLER, **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.153-172.

CEVASCO, Ma Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

CUNHA, Eduardo Leal. **Indivíduo singular plural: a identidade em questão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 20 ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

FURLANI, Jimena. **Gênero e sexualidades no discurso religioso – um exercício desconstrutivo para Educação Sexual**. 2008. Disponível em < http://www.nigs.ufsc.br/ensinoreligioso/docs/mesas/Generos_e_sexualidades_Jimena_Furlani.pdf >. Acesso em: 19 jan. 2012.

GLEE. Diretores e produtores: Ryan Murphy; Brad Falchuk; Ian Brennan e outros. Intérpretes: Lea Michele, Cory Monteith, Chris Colfer e outros. Los Angeles: 20th Century Fox Pictures, 2009-2010. 22 episódios (1.012 min).

LOIZOS, Peter. **Vídeo, Filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, Martin e GASKELL, George (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 137-155. cap. 6.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: _____ (Org.). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.7-34.



LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Elizabeth. A Cultura e a Escola. In: **Marcas da diferença no Ensino Escolar.** MISKOLCI, Richard. (org.) SC, EdUFSCar. 2010. p. 11-44. Cap. 01.

MELLO, Cristine. Extremidades: **desconstrução, contaminação e compartilhamento do vídeo no Brasil.** 2005. Disponível em:

< <http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/15festival/mostras/imagens/extremidades.pdf> >
Acesso em: 28 jul. 2001.

MISKOLCI, Richard. Sexualidade e orientação sexual. In: _____ (Org.) **Marcas da Diferença no Ensino Escolar.** São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 75-112. Cap. 03

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento.** In: BAUER, Martin e GASKELL, George (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 343-364. cap. 14.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo, Atlas, 1987.